

A taxa adicional por escassez está de volta

Em vigor desde o dia primeiro deste mês e com vigência até 30 de abril de 2022, a nova taxa significa um aumento de, em média, 6,78% na conta de energia. O valor da bandeira por 'escassez hídrica' representa um reajuste de 49,63% sobre o valor cobrado na bandeira vermelha nível 2, esta já elevada em 52% desde junho, praticada a partir de 1º de julho. **Só de ler já vem um suspiro de sobrecarga e um rensa!**

Também em julho lançamos a edição da nossa news te sugerindo aquela reflexão sobre como andam suas pausas para os momentos de lazer e o quanto você se permite (ou não) desfrutar. Coincidência!?

O fato é que nossos recursos são finitos e quando não dosamos, não distribuimos de forma inteligente nossas energias, a conta chega... e ela vem cara. Aliás, só tende a subir. Querer abraçar o mundo, usar toda a energia apenas e somente no trabalho, seja por querer entregar o melhor do melhor dos resultados (não que isso não seja louvável), ser reconhecido, se sobressair, realização pessoal, enfim, por quais sejam os motivos, **certamente nos levará ao caminho da escassez e do "apagão"**. Paradoxalmente, não raro, quando estamos mais sobrecarregados é que pesa a mão da cobrança, pois a curva da produtividade despenca.

Parece óbvia a relação de causa e consequência de como esse círculo funciona, mas na prática ele roda em *looping* e cotidianamente **não observamos muitas pessoas dispostas a romper com esse sistema**. Mais: a desigualdade no consumo afeta todos. Quando o assunto é sistêmico, a racionalização para uma grande parcela não implica em concessão para uma pequena outra gozar de privilégios; **o recurso esgota na fonte e o prejuízo da escassez tem efeito em cadeia**. Estamos consumindo o planeta, estamos consumindo pessoas, estamos nos consumindo. A remuneração pela força de trabalho não deve(ria) ultrapassar os limites da identidade do indivíduo. Quantas vezes você respondeu a alguém o seu título, ou cargo, função, enfim, algo relacionado ao seu trabalho quando perguntado sobre "quem é/o que faz"?

Anne Wilson, professora de psicologia da Universidade Wilfrid Laurier, em Ontário, no Canadá explica o "enredamento" e sua consequência:

“Quando as pessoas investem uma quantidade desproporcional de tempo e energia em suas carreiras, isso pode levar a um estado psicológico denominado 'enredamento', em que as fronteiras entre trabalho e vida pessoal ficam turvas. Isso pode ter efeitos desastrosos. A maioria das pessoas que adota uma identidade centrada na carreira nem sequer percebe que isso está acontecendo.

O enredamento não ameaça apenas a forma como nos sentimos a nível pessoal. Quando você fica tão enredado no trabalho a ponto de ele começar a te definir, você também pode começar a permitir que ele determine seu próprio valor. Vira uma questão realmente existencial para as pessoas, e elas têm estratégias de enfrentamento ruins porque é catastrófico. Então isso leva à depressão, ansiedade e até mesmo ao uso abusivo de substâncias. Se mudarmos ou ficarmos sem emprego, isso também pode se tornar uma crise de identidade.”

Wilson ressalta que fazer um trabalho que você ama não é algo ruim, tampouco considerar o que você faz para viver uma parte importante de quem você é, mas abandonar esse sistema em que as pessoas são definidas sobretudo — ou exclusivamente — por seus empregos exigirá mais do que perceber que há um problema ou redefinir as prioridades, exigirá uma mudança cultural, maturidade.

Até lá, pode ser que continuemos a sofrer sucessivos apagões e terá “passado nossa vez” nesse recorte temporal. Existe uma parcela considerável de pessoas que acredita realmente que deve “dar tudo de si sem se importar com o resto” pois isso é “fazer minha parte” e, conseqüentemente, estará contribuindo para a solução do problema, mesmo que na prática esteja apenas alimentando a parcela do sistema que a sobrecarrega, composta por indivíduos que consomem irracional e indiscriminadamente o recurso, alheios ao contexto maior e às conseqüências das suas ações.

Alguns justificariam esse padrão de comportamento em razão do fato dessa parcela poder terceirizar, via poder de compra, sua parcela de contribuição. Na melhor das hipóteses, uma vez isentos e considerando que estarão a consumir das mesmas fontes, quando esgotadas as possibilidades e o recurso torna-se indisponível, compra-se de quem?

A saúde - física e mental - das pessoas é fonte de recurso pessoal e intransferível. A pandemia escancarou algo que vivenciamos e que insistimos em mascarar por várias questões: a precificação de bens intangíveis. Diante do cenário desafiador que envolveu o combo saúde mental + adaptação ao novo cenário + necessidade de sobrevivência financeira, lá estávamos nós mais uma vez engrossando o coro “good vibes” com a avalanche de receitas e dicas para nos

tornarmos pessoas melhores. Mas esse melhor veio de mãos dadas com ser mais produtivo, mais resiliente – e aqui no sentido de mais permissivo às circunstâncias adversas, o “mal necessário” -, agarrar, aproveitar as oportunidades para crescer, crescer e crescer. Teve (muita) gente que entendeu a “oportunidade” como excludente de empatia, afinal, “tem quem chora e tem quem vende o lenço”.

Precisamos ter coragem para nos fazer perguntas a partir da metáfora do lenço: **quando a gente amplifica a dor em meio a um cenário já trágico para alavancar o negócio, se destaca no mercado e ao mesmo tempo faz belas campanhas de empatia no Setembro Amarelo, somos visionários?** Seria esse um conceito de empreendedorismo e case de sucesso? O Setembro Amarelo é só mais uma onda de oportunidades para alinhar a narrativa, atualizar o storytelling e fortalecer a marca?

Não podemos nos esquecer que para algumas pessoas a conta fica muito cara, tão insuportável e assustadoramente cara que se fez necessário um mês para discutir o tema. Não, Setembro Amarelo não pode ser só tema para um post na timeline.

Cada dia mais se torna imprescindível avaliar, aprender e entender o que nos cerca. A nossa fonte de energia não é infinita. Não existe receita mágica: é importante ter a habilidade de discernir onde vale a pena colocar energia e onde não vale. Ambientes, tarefas, pessoas... Estamos pagando a conta da escassez, cada vez mais com taxas e taxas adicionais. No entanto, paradoxalmente, o senso de coletividade que ora parece se fazer presente, ora se revela diluído, difuso, volátil.

Podemos ser produtivos, dinâmicos, imprimir ritmo mais acelerado às nossas vidas de forma ponderada. Além disso, ao compartilhar formas mais equânimes e saudáveis de distribuição das nossas energias com os colegas em nossos ambientes de trabalho estaremos de fato contribuindo para um ambiente mais saudável, para uma real mudança de cultura, por meio da qual organizações e pessoas que acreditam no consumo desenfreado da capacidade produtiva até o esvaziamento com reposição por substituição, ou terão que rever seus conceitos ou ficarão à margem em novos cenários.

E se não ficou claro até aqui, o que tudo isso tem a ver com inovação: **esgotados mal conseguimos sobreviver e repetir, quem dirá então questionar, pensar, propor, inovar.** A quantas andam suas contas de energia?

[6 dicas para sobreviver a um ambiente de trabalho hostil](#) – Artigo do Apolitical

[TED Talk - 10 minutos para mais consciência, clareza e raciocínio](#) - precisamos aprender a dar um passo atrás e enxergar nossos próprios pensamentos em perspectiva para melhor lidar com eles.

[Desacelere: como viver com mais calma](#) – Artigo do site Vida Simples

[Pausa: o intervalo do mundo](#) – Filme do jornalista e escritor Patrick Santos, produção da Drover Filmes e Panflix

[Sociedade do Cansaço](#) - Série documental que investiga como nossa sociedade atual, movida pelo desempenho e produtividade constantes, vem a engatilhar desamparos mentais e físicos na população

>>> **[DICA BÔNUS:](#)** A gente acredita no poder da colaboração e cuidado com o outro. E se você precisar de ajuda, [esse mapa](#) pode indicar caminhos... [CLIQUE AQUI!](#)

Boas leituras! Boas reflexões!

Fique à vontade para entrar em contato: pequi.lab@goias.gov.br

Inscreva-se para receber as próximas edições. Encaminhe para quem você acha que pode gostar. Ajude-nos a fazer esse conteúdo chegar a mais pessoas.

Um abraço.

PequiLab

Laboratório de Inovação em Governo

pequiNEWS é uma iniciativa de microlearning do PequiLab voltada à disseminação de conteúdos relacionados à inovação em governo para fomentar uma nova forma de pensar e agir nos servidores públicos.



 pequi.lab@goias.gov.br

 62 | 3201-4525

 www.escoladegoverno.go.gov.br

 @escoladegovernogo

 62 | 3201-9263